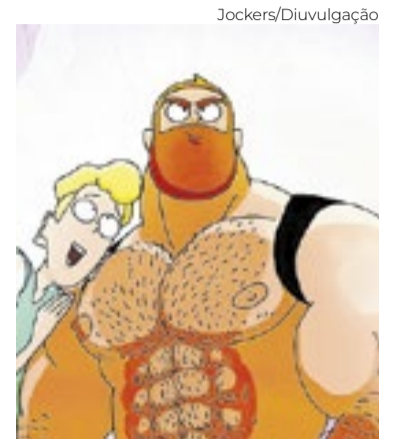


Palmas que a Palma de Ouro não vê

Jockers/Divulgação
Jim Queen

Sophie Okonedo/Divulgação

Clarissa



Pérolas autorais vindas dos mais variados cantos do

mundo rivalizaram com a disputa oficial de Cannes na busca por consagração de vozes autorais

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Vai ser difícil algum filme deste Festival de Cannes calar mais fundo no peito da cinefilia do que “Natal Amargo”, o novo exercício de Pedro Almodóvar pelas vias do melodrama... mas é fácil apontar os filmes que (mais e melhor) vão se esforçar para brilhar tal qual a expressão autoral do artesão manchego. Na disputa pela Palma de Ouro, pérolas a granel se candidatam à Eternidade, como “El Más Querido”, de Rodrigo Sorogoyen, e “Hope”, de Na Hong-jin. A lista a seguir é a triagem que o CORREIO DA MANHÃ produziu após garimpar jazidas paralelas à competição oficial.

CLARISSA, de Arie e Chuko Esiri (Nigéria): Sophie Okonedo tem a atuação de uma vida nesta versão de “Sra. Dalloway”, de Virginia Woolf, no Laos. Okonedo vive Clarissa, mulher da alta sociedade, que organiza uma recepção em sua casa, no fer-

vo da vida cultural nigeriana, onde reencontra amigos de juventude. Ao longo daquela noite, suas memórias vêm à tona. Mágoas, também.

MARIE MADELEINE, de Gessica Génés (Haiti): A fotografia



Divulgação

Marie Madeleine



William Graves Productions

Once Upon A Time In Harlem

de Nicolas Canniccioni tinge os céus e as ruas de Jacmel de um colorido extravagante ao seguir os passos de uma garota de programa de nome bíblico que se encanta por um evangélico fervoroso e tenta mostrar ao rapaz as bênçãos do desejo.

Géssica dirige e estrela este drama sensual sobre empoderamento.

ONCE UPON A TIME IN HARLEM, de David e William Greaves (EUA): Um marco da luta decolonial de essência docu-

mental musical se afirma aqui. O seu coletivo de imagens remonta a uma noite de verão de 1972, quando uma geração marcante de artistas e intelectuais do chamado “Renascimento do Harlem” reuniu-se na casa de Duke Ellington. Por mais de três horas, esse grupo extraordinário — muitos dos quais não se viam há cinquenta anos — lembrou o passado, fez críticas, discutiu, riu e bebeu, enquanto refletia sobre seu lugar num panorama antirracista.

IN WAVES, de Phuong Mai Nguyen (França): De CEP francês, mas com um coração vietnamita em seu peito (de sua diretora), esse drama com um pé no mar e outro na morte, abriu as alas da Croisette para a animação. Seu pavimento é uma HQ homônima do surfista e artista gráfico AJ Dungo, lançada no Brasil pela Nemo e baseada em uma perda pessoal dele. Um skatista se apaixona por uma surfista, na alvorada da adolescência de ambos, mas tomam “um caixote” do destino, na forma de um tumor.

L'ESPÈCE EXPLOSIVE, de Sarah Arnold (França): Um thriller ecológico mucho loco da diretora de “Leçon de Ténèbres”. No nordeste francês, agricultores e caçadores estão em guerra. Os javalis, grandes e numerosos demais, devastam as plantações. Brun, um produtor de cereais à beira do abismo, não aguenta mais e desaparece. Um ano depois, Fulda, um policial explosivo (papel de Alexis Manenti), e Stéphane (Ella Rumpf), uma psicóloga em crise, investigam o caso. O que descobrem vai além da compreensão deles. O que surge entre eles não era esperado também.

SIEMPRE SOY TU ANIMAL MATERNO, de Valentina Maurer (Costa Rica): Uma celebração da fraternidade na América Hispânica. A inspirada Daniela Marín Navarro vive Elsa, de 28 anos, que passou um longo tempo na Bélgica, retorna para seu país, a fim de se reencontrar com sua irmã mais nova, Amalia, envolvida numa rota esotérica.